



EIXO TEMÁTICO:

Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE APROPRIAÇÃO QUE TRANSFORMA CONHECIMENTOS E RELAÇÕES SOCIAIS

MEDIATION OF LITERARY READING: AN APPROPRIATION PROPOSAL IN ORDER TO TRANSFORM KNOWLEDGE AND SOCIAL RELATIONS

Ellen Valotta Elias Borges (Unesp) - ellenvalotta@yahoo.com.br

Lucilene Cordeiro da Silva Messias (Unesp) - lucy_messias@yahoo.com.br

Resumo: Considerando a atual sociedade como a sociedade do conhecimento que oferece diversas possibilidades de acesso à informação, principalmente por meio da tecnologia, o objetivo deste trabalho é refletir não apenas sobre a questão do acesso, mas, principalmente sobre a necessidade da mediação entre sujeito e informação para o alcance de uma apropriação que possa ir além daquilo que está explícito no texto. A avalanche de informações gerada pela internet impossibilita a solidificação, a reflexão e o aprofundamento na compreensão das mensagens, trazendo a reflexão desta pesquisa de que ter acesso não significa apropriar-se. Partimos da ideia de que a mediação da leitura literária pode propiciar o desenvolvimento crítico e reflexivo que leva o sujeito a realizar uma apropriação além das palavras presentes no texto. Apesar do processo de leitura ser realizado pela maior parte dos membros de uma sociedade, a apropriação da informação nem sempre ocorre. Sem ela, é quase impossível realizar a construção de novos conhecimentos. Diante desta dificuldade, parte-se do pressuposto que um modelo conceitual, baseado na teoria da complexidade para conceituar a informação como um sistema dinâmico e complexo responsável por uma apropriação interativa entre texto e leitor. Para tanto, faremos uma pesquisa social construtivista com base na análise do discurso para demonstrar como ocorre a apropriação da informação em diversos contextos por meio de sujeitos com diferentes formações discursivas.

Palavras-chave: Mediação. Apropriação. Leitura. Texto Literário. Informação.

Abstract: Taking into account that the current society is known as knowledge society, which offers several possibilities of access to information, mainly by using of technology, the present work reflects not only on access of information, but mainly on need of mediation between subject and information in order to reach an appropriation beyond the explicit words. The information avalanche generated by internet prevents the sedimentation, the reflection and a deeper understanding of messages. All of this ensures that the access to information does not necessarily guarantee the appropriation. We start from the idea that the mediation of literary Reading can bring about a critical and reflective development, allowing the subject to appropriate beyond the words. However, this is not a simple process. It is

salso necessary to consider that complexity is inherent in the information and there is no effective appropriation without mediation.

Keywords: Mediation. Appropriation. Reading. Literary text. Information.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Complexidade proporciona uma nova forma de pensamento que valoriza as relações entre ordem e desordem, demonstrando a importância da desconstrução para a transformação e reorganização de vários elementos que compõem a sociedade, inclusive a informação. Considerando a atual sociedade como a sociedade do conhecimento que oferece diversas possibilidades de acesso à informação, principalmente por meio da tecnologia, este trabalho reflete não somente na questão do acesso, mas, principalmente na necessidade da mediação entre sujeito e informação para o alcance de uma apropriação que possa ir além daquilo que está explícito no texto.

Muitos são os questionamentos ocasionados pelo “dilúvio” informacional que, na maioria das vezes, não apenas informa, mas também desinforma, desorienta e desorganiza. A “avalanche” de informações impossibilita a solidificação, a reflexão e o aprofundamento na compreensão das mensagens, o que nos faz reiterar a ideia de que ter acesso não significa apropriar-se. Quando se começa a refletir sobre algo novo, surge algo mais novo que chega de encontro às ideias anteriores, chocando conceitos que nem sempre são refletidos no processo de construção. Estamos diante de uma nova forma de compartilhamento de informações que euforiza a massificação das ideias e disforiza a profundidade do pensamento.

A solidificação da sociedade altamente tecnológica exige comportamentos cada vez mais rápidos, objetivos e concretos, desvalorizando as questões cujo foco esteja centrado na subjetividade e profundidade de pensamento. É nesse ponto que o trabalho apresenta a necessidade de relacionar a mediação e a apropriação, a literatura e a sociedade, o texto, o contexto e o leitor. Consideramos que a mediação da leitura literária pode propiciar o desenvolvimento crítico e reflexivo que leva o sujeito a apropriar-se do texto além das palavras. Entretanto, não há este tipo de apropriação se não houver a presença da mediação. As discussões acerca destas relações serão desenvolvidas na crença de que o papel social da literatura pode oferecer novas possibilidades de apropriação. Há muita informação e pouco

conhecimento. Todos sabem de tudo um pouco e raros são os que conseguem enxergar a complexidade por meio do simples. Para Santos (2000, p. 59) “vivemos num sistema visual muito instável em que a mínima flutuação da nossa percepção visual provoca rupturas na simetria do que vemos”. Aquilo que parece nem sempre é o que parece ser. A verdade de um sujeito pode ser a indagação do outro, rompendo, assim, a ideia de verdade absoluta. Estamos presenciando diversas rupturas de paradigmas que não conseguem mais serem estabelecidos fora de relações complexas e dinâmicas.

A questão da complexidade informacional atual não está na informação em si, mas na atenção que se dá para ela. A informação sempre existiu e as relações entre os sujeitos sociais também. É importante compreender melhor acerca da chamada sociedade do conhecimento e/ou sociedade da informação. Todas estas relações presentes e discutidas na atualidade sempre existiram moldadas nos recursos de cada época. A distância entre as pessoas e a diminuição do contato físico causadas pelos meios eletrônicos também foi algo que existiu no passado com o surgimento dos livros impressos, dos jornais, da rádio, da telenovela, por exemplo. A sociedade está em constante evolução e sempre surgirão novos recursos e conflitos para justificar os problemas e conflitos sociais presentes desde sempre. Santos expõe esta questão de forma clara e reflexiva:

Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. (SANTOS, 2000, p.46)

Partindo destas ideias de reflexão acerca do complexo, é importante definir o conceito de informação, ainda que não a pensamos como algo concreto e objetivo, mas como uma criação que surge de relações complexas e subjetivas em várias áreas de estudo. Além de ser utilizado na linguagem cotidiana é um conceito interdisciplinar e possui um importante papel na sociedade contemporânea e científica. A informação é um conceito que atua de diferentes formas em várias teorias e também reflete tensões entre abordagens objetivas e subjetivas. Dessa forma, “a coisa mais importante em CI (como em política da informação) é considerar a informação como uma força constitutiva na sociedade” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.150). Ainda, segundo os autores: “quando usamos o termo Informação em CI, deveríamos ter sempre em mente que informação é o que é

informativo para determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo”. Por meio desta afirmação, pode-se verificar uma relação entre informação e conhecimento, ou seja, um dos pontos principais deste trabalho.

Os conceitos de conhecimento e comunicação sempre estiveram presentes na sociedade humana, entretanto, é a forma como a elite dominante manipula as informações para adquirir o conhecimento que afeta as relações sociais.

2 MEDIAÇÃO E INFORMAÇÃO

A mediação é um conceito cada vez mais presente nas discussões epistemológicas da Ciência da Informação, primeiro porque fundamenta os principais processos da área, segundo porque representa a chave para a compreensão de seu objeto de estudo, a informação. Entretanto, apesar dos esforços empreendidos na tentativa de compreender as principais matrizes teóricas que envolvem a sua aplicação no campo da Ciência da Informação, a mediação ainda é um conceito flutuante e impreciso, decorrente principalmente do recorte empreendido em cada um dos campos disciplinares que se dedicam à sua elucidação.

A Ciência da Informação, constituída nos moldes de uma ciência pós-moderna, é interdisciplinar por natureza e plural no que se refere ao emprego de métodos para investigar o seu objeto de estudo. Nessa perspectiva interdisciplinar é de praxe a migração de termos e conceitos oriundos de outros domínios. A mediação está nessa categoria, sendo frequentemente importado, apropriado e incorporado aos discursos da área.

Ao restringir a mediação no âmbito da Ciência da Informação encontramos inúmeras expressões associadas ao termo, tais como: mediação da informação, mediação cultural, mediação da leitura, mediação pós-custodial, mediação documental, mediação profissional, mediação do conhecimento, mediação do objeto cognitivo, mediação digital e mediação do espírito. (BORTOLIN, 2010).

O termo mediação deriva do latim *mediatione* que designa originalmente intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois ou estar no meio, também está associado a ideia de intermediação, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediado. (MARTINS, 2010).

Na Ciência da Informação a noção de mediação como sendo a ponte que interliga a informação ao sujeito ainda prevalece entre o senso comum da área. Entretanto, essa noção é contestada por Almeida Júnior (2009), uma vez que a ideia de ponte representa algo estático, que leva alguma coisa de um ponto a outro ponto, sendo estes predeterminados e fixos, ausentes de qualquer interferência até o final do trajeto. O conceito de mediação é muito mais complexo e abrangente, compreendendo também as noções de intermediação, conexão, conciliação e mais recentemente intervenção e interferência.

De acordo com Silva (2015, p.102) a mediação da informação está sempre pautada nas relações estabelecidas entre seres sociais.

[...] a mediação da informação é um construto que parte dos 'seres sociais' (relações múltiplas, plurais e coletivas entre os seres) e se consolida na formação da consciência do ser (passível de singularidade interpretativa de cada ser). De outro modo, a mediação é um construto social que se estabelece entre o ser e o mundo aproximando a teoria (conhecimento) da prática (ação), sendo que a construção de conhecimento deve ser composta a partir do real ou concreto (das configurações sociais, materiais e históricas), com vistas a transformação da realidade do(s) ser(es).

Para Almeida Júnior um dos principais estudiosos da temática na área da Ciência da Informação a ação mediadora estaria condicionada a prática de um profissional da informação (bibliotecários, arquivistas, museólogos) na ambiência dos equipamentos informacionais. Para o autor a mediação da informação é:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JUNIOR, 2015, p.25)

Na concepção apresentada pelo autor a mediação da informação nega a neutralidade que outrora fora defendida pela área, sugerindo a ocorrência de interferências e afirmando a impossibilidade de imparcialidade no processo. O conceito de mediação também transcende a noção de mera disponibilização dos materiais de informação, devendo o profissional para a efetiva apropriação da informação pelo sujeito. A apropriação da informação só se efetiva quando o sujeito além de assimilar e compreender um dado conteúdo, transforma as estruturas do seu conhecimento a partir dessa relação, ou seja, ao adquirir e incorporar a informação, o sujeito modifica o seu repertório, tornando o seu conhecimento único e

pessoal.

A mediação da informação se concretiza em um ambiente de diálogo, cooperação, interação e respeito entre os envolvidos. Almeida Júnior (2015) destaca que a interferência do profissional da informação abrange todos os espaços em que a informação (ou protoinformação) circula, sejam espaços físicos ou não. Ele também pondera acerca da impossibilidade de satisfazer plenamente as necessidades do sujeito, visto que o acréscimo de informações é gerador de dúvidas e incertezas, produzindo novos conflitos.

Tendo em vista que a mediação permeia todo o percurso e as ações necessárias à efetiva apropriação da informação, é importante ponderar que esse processo pode ocorrer de modo implícito ou explícito. É implícito quando anterior ao contato direto com o sujeito, ou seja, na seleção das informações à compor o acervo, nos instrumentos utilizados para tratar a informação, na disposição e organização dos materiais etc. É considerada explícita quando há o contato direto com o sujeito que demanda por uma informação, sendo a sua presença física ou virtual.

A mediação implícita ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários.

[...] A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p.93).

A mediação da informação é uma atividade cíclica, que não compreende um fim, pois é impossível sanar todas as necessidades informacionais do sujeito uma vez que a cada conhecimento adquirido surgirão novas dúvidas. A informação é a força transformadora do homem, atuando como uma espiral de conhecimento e ação, permitindo com que o indivíduo transforme a si e a realidade que o cerca. Desta forma, a mediação da informação torna-se, então, um movimento essencial de transformação de indivíduos comuns em protagonistas sociais, abarcando todos os envolvidos no processo, o sujeito e o profissional da informação.

Gomes (2014) defende que o objetivo implícito da mediação é o desenvolvimento do protagonismo social. Freire defende a mediação como uma ação por meio da qual o homem pode se transformar em sujeito, já que na vivência do processo de mediação se pode refletir acerca da situação vivida, sobre seus

interlocutores, sobre o mundo e sobre si mesmo, experiência que potencializa a formação da consciência que faz nascer o homem comprometido e capaz de intervir na realidade, enfim, capaz de se transformar em um protagonista e, simultaneamente, contribuir para a formação do protagonismo social. (FREIRE apud GOMES, 2014, p.49).

Diante do exposto consideramos que a mediação é uma ação de interferência, posicionamento e atitude profissional. Longe de ser um ato de passividade e neutralidade, a mediação requer uma postura ativa do profissional, no sentido de intervir e orientar o sujeito no movimento de leitura e apropriação da informação. Entretanto, sendo o profissional um ser político e social, com ideologias e valores próprios é essencial uma conduta ética e uma postura atenta e reflexiva, evitando que essa interferência se transforme em manipulação.

Para reduzir os riscos de manipulação, Almeida Júnior (2009) argumenta que a consciência acerca da existência de uma realidade de interferência na ação mediadora minimiza possíveis manipulações e suas consequências. A mediação da informação é uma ação complexa que exige do profissional competências variadas e uma atitude proativa em sua prática profissional. Em primeiro lugar é importante que ele seja um leitor ativo de conteúdos variados, além de capacidade analítica e senso crítico; ter conduta ética, demonstrar interesse e respeito pelo sujeito e estar atento às nuances da realidade social. A mediação da informação é uma ação com forte impacto social e com potencial para minimizar as desigualdades, pois está diretamente relacionado à formação crítica e consciente do indivíduo e a sua capacidade de intervir positivamente no ambiente.

3 MEDIAÇÃO E LEITURA LITERÁRIA

É impossível discorrer sobre mediação e apropriação da informação sem mencionar a prática que envolve o todo o processo, a leitura. Chartier (1999, p. 77) afirma que “[...] ler é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador de percorre terras alheias”.

A leitura não se limita à decodificação de um texto escrito. A leitura abarca a leitura do mundo por meio das mais diversas produções culturais. Paulo Freire afirma que a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Para

Freire (1982, p.11) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”, sendo assim, a compreensão do texto implica das relações entre o texto e o contexto. Almeida Júnior (2007, p.33) nos brinda com uma reflexão bastante interessante acerca da leitura, resgatando as infinitas possibilidades no ato de ler:

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita.

Ler é muito mais do que um exercício cognitivo, compreende também componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. (MARTINS, 1983, p.31). É eminentemente um ato que demanda o exercício da memória, imaginação e intelecto, mas é também sensorial, à medida que desperta os sentidos, deixando aflorar as emoções.

O mediador é aquele atua como facilitador no processo que aproxima o sujeito da informação, levando-o a internalizar conteúdos e ativar mecanismos responsáveis pela geração de conhecimento.

O mediador é alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê. “Alguém que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto uma disponibilidade”, um acolhimento, uma presença dialógica e que, principalmente, considera o outro – que precisa ser levado ao texto – como um sujeito histórico, cultural, portanto, “construído por” e “construtor de palavras” carregadas de sentidos. (BARBOSA; BARBOSA, 2013, p.11)

A maioria das investigações abordando a mediação da leitura relaciona a ação a uma condição para a formação leitora de crianças, jovens e adolescentes, geralmente realizada nos limites das bibliotecas ou espaços escolares. Barros (2006, p.17) aponta que “[...] mediar a leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores”. Perrotti

(apud BORTOLIN, 2001) acredita que o mediador deva ser [...] “capaz de instrumentalizar todo tipo de relação com crianças e jovens, transformando-a em relação interessante-interessada, tendo em vista a produção de estímulos agradáveis” [...], ou seja, uma relação de troca.

Desmistificando esse pensamento, embora toda ação de mediação literária implique, de forma implícita, na formação leitora, ela pode ocorrer em qualquer espaço, seja ele físico ou virtual, em que fluam diálogos entre sujeitos das mais diversas faixas etárias em que um leitor mais experiente conduza a aproximação de um texto ao seu leitor.

A leitura literária requer a atuação do mediador na construção do valor simbólico deste produto, exigindo mais do que a simples leitura do texto, exige uma postura ativa de troca de sentidos e construção de conhecimento. Para Ferneda; Lanzi; Vidotti (2015) mediar significa possibilitar a construção do conhecimento pelo sujeito. É estar intencionalmente entre o objeto de conhecimento e o sujeito, de forma a modificar, alterar, organizar, enfatizar, transformar os estímulos provenientes desse objeto a fim de que o sujeito construa sua própria aprendizagem, aprendendo por si só.

4 LITERATURA E APROPRIAÇÃO: UMA RELAÇÃO TRANSFORMADORA

Antonio Candido chama literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. Para ele, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p.242). Vista deste modo, a literatura surge como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, sendo humanizadora, pois atua tanto no consciente quanto no subconsciente de cada um de nós, analfabetos ou não, influenciando-nos por meio das palavras, por meio de sugestão ou instrução, reflexão ou imposição. Para o sociólogo moderno a arte é social, pois

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p.30)

Nesse sentido, a literatura não é apenas um conjunto de obras. Hoje considera-se que a compreensão de uma obra só pode ser alcançada de maneira íntegra pela fusão do texto e do contexto. Por meio da literatura o leitor tem a possibilidade de transformar sua leitura simples do dia a dia em uma leitura crítica e consciente. Cada vez que um significado é apreendido na consciência receptiva do leitor, o processo interativo entre o texto e o leitor atua de maneira crítica e o leitor não apenas constrói significados por meio da estrutura que lhe é apresentada, como também é construído como sujeito social, ao utilizar seus conhecimentos no momento em que relaciona o fictício com o mundo real.

A cada encontro com o texto literário, as possibilidades criadas pelo fictício são oportunidades únicas de viver experiências por meio de outros personagens. Assim, é importante mergulhar no mundo imaginário do texto para tentar compreender o novo; somos obrigados a criar significados para seguir adiante e, desta forma, criar novos significados à medida que se realiza a apropriação do texto, o que refletirá nas nossas relações sociais. Jauss (1994) comenta sobre a relação entre literatura e sociedade. Para ele, “a obra pode transmitir os valores dominantes de uma sociedade ou legitimar novos valores ou ainda romper com valores tradicionais [...]” (apud JOUVE, 2002, p.125).

Por todos estes aspectos mencionados, esta pesquisa busca compreender o papel humanizador da literatura fora de um contexto institucional, levando o texto literário ao encontro de diferentes pessoas que compõem a sociedade, dentro ou fora do meio educacional, jovens, adultos ou idosos, ricos ou pobres, negros ou brancos. Todas essas pessoas possuem, de alguma forma, diferentes relações com o mundo fictício da leitura: seja pela escola, pela voz do professor, pelas histórias contadas no momento de dormir, pelas leituras obrigatórias para o vestibular, pelas cantigas populares, pelas lendas e histórias de superstições contadas pelos antigos, pelas histórias em quadrinhos etc. Nesse sentido, nosso intuito é verificar a funcionalidade do texto literário como conector entre o sujeito e a realidade, ou seja, verificar de que forma a formação sociocultural contribui para uma leitura escolarizada ou mais independente. Outro ponto importante da pesquisa é compreender de que forma a leitura escolarizada pode ser convertida em uma prática social que forma, deforma e transforma leitores reais em simples leitores de textos literários.

5 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

O texto é apenas uma parte inserida em uma sociedade composta por diferentes indivíduos. Analisar um pedacinho de todo o universo social por meio de um texto escrito não é nada fácil. Nas palavras de Marx: “[...] o corpo desenvolvido é mais fácil de estudar do que a célula do corpo” (1988, p.18). Não há como compreender um texto fora de um contexto social. Por outro lado, o contexto social se transforma a cada instante e todas essas mudanças causam uma desordem que precisam ser ordenadas para que o pensamento humano continue evoluindo de forma coerente e reflexiva. É preciso uma desordem para começar uma nova ordem, um novo pensamento. É preciso que conceitos anteriores sejam desconstruídos para a criação de novos conhecimentos.

A quebra do pensamento cartesiano abre as portas para a compreensão do novo e cria possibilidades de reconsiderar diversos temas de relevância para nossa sociedade, dentre os quais se destaca a informação. O presente trabalho demonstrou a necessidade de trazer a literatura para outras áreas de conhecimento como algo essencial para o desenvolvimento da apropriação. A apropriação é um processo que significa compreender além das palavras que a estrutura linguística apresenta, é saber utilizar a mediação de forma inseparável ao processo de construção do conhecimento. Para tanto, o ato da leitura e as relações existentes entre o texto e o leitor não podem ser isolados do contexto histórico, cultural e social. Todos estes contextos modificam as perspectivas e as representações que definem o ato de ler. Para Barros, “é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhes atribuem, no fim das contas, o sentido” (2003, p.83). Sendo assim, ainda que o texto seja o mesmo, as interpretações que lhes damos variam de acordo com cada leitor e com sua formação sociocultural, o que pode ser confirmado pelas diferentes formas de apropriação que existe na atual sociedade. O desequilíbrio apresentado pelas informações compartilhadas e divulgadas na mídia atualmente refletem a necessidade de se trabalhar o estudo e orientação de apropriação além dos interesses do grupo dominante. Ainda que a informação seja representada pelo mesmo código linguístico, a manipulação de seu sentido interfere na forma de entendimento, apropriação e construção de novos conhecimentos.

Na sociedade a leitura representa um dos pilares de sustentação da educação e da cultura, sendo condição inegável para a formação social, cultural e

intelectual do ser humano. Abordado como conceito ou processo, a leitura viabiliza a compreensão e o entendimento do mundo por meio da decodificação e interpretação de símbolos verbais e não verbais, que uma vez compreendidos e apreendidos passa a compor o repertório de informações do sujeito. Entretanto, é impossível discorrer sobre a leitura sem mencionar outros conceitos estruturantes: a mediação e apropriação.

Embora sejam conceitos interligados, leitura, mediação e apropriação são temáticas exploradas na literatura muitas vezes de forma isolada ou enfatizando um ou outro conceito. Consideramos de suma importância resgatar os conceitos como dependentes e complementares, oferecendo a real dimensão da trajetória percorrida pelo sujeito na construção do conhecimento.

No processo de construção do conhecimento é importante a conexão entre conteúdos de teor informativo, filosófico e científico, demandando também a compreensão das expressões artísticas, muitas vezes consideradas secundárias no processo ou não essenciais ao processo. A literatura é condição essencial na formação do ser humano crítico e reflexivo, pois viabiliza a aproximação desse sujeito com diferentes realidades, ampliando a sua visão de mundo e maximizando as conexões necessárias ao processo de construção do conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES

A inovação na ciência não se limita sumariamente a construção de novos conhecimentos, mas demanda, sobretudo, uma compreensão global e relacional dos conceitos já integrantes do escopo científico de uma dada disciplina, desse modo o artigo vislumbrou o resgate de conceitos muitas vezes tratados como singulares de modo complementar.

Leitura, mediação e apropriação são conceitos complementares e essenciais para a compreensão do percurso que o sujeito realiza no processo de construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, insere a literatura como ferramenta essencial para que o sujeito possa ampliar a sua visão de mundo, realizando as conexões necessárias para ampliar o repertório de informações e a gama de conhecimentos, o que pode ser realizado pelo estudo da literatura como forma integradora e humanizadora de outros tipos de conhecimentos.

Porém, a leitura exigida por um texto literário exige muito além da

decodificação dos códigos linguísticos. É preciso desenvolver a capacidade de apropriar informações. Considerando a literatura uma linguagem rebuscada, composta por linguagens figuradas e ambiguidades, o processo de leitura se torna insuficiente se não houver a capacidade de interpretação e compreensão, fatores básicos para o alcance da apropriação. Só é possível realizar a apropriação daquilo que se entende, porém o significado das palavras não é imutável, pelo contrário, é algo heterogêneo, complexo e sua construção ganha forma de acordo com as relações estabelecidas entre os sujeitos sociais e, ainda que seu processo de aquisição seja realizado individualmente, seu uso é social e se transforma no coletivo.

As discussões acerca das relações entre informação, mediação e apropriação precisam estar presentes no âmbito literário para que se possa aprofundar nos estudos que abordem o papel da literatura como algo que propicia o surgimento de novas possibilidades de apropriação. Nesse sentido, os pontos abordados por este estudo visam contribuir para a transformação de conhecimentos que, ainda que sejam compreendidos individualmente têm o poder de atuar nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. ; BORTOLIN, S. **Mediação da informação e da leitura**, 2007. In II Seminário em Ciência da Informação - UEL, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/13269/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 08 set. 2013.

_____. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (OrgS.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278p. p.9-32.

BARROS, D.L. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARROS, M. H. T. C. A mediação da leitura na biblioteca. In: _____. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed.FA, 2006, p. 17-22.

BARBOSA, J. B.; BARBOSA, M. V. **Leitura e mediação**: reflexões sobre a formação do professor. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

BORTOLIN, S. **A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2001. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf>. Acesso em: 01 de jun. de 2015.

_____. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. Tese (doutorado em ciência da informação)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2010. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf>. Acesso em: 02 set. 2013.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2006.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr.2007.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

FERNEDA, E.; LANZI, L. A. C.; VIDOTTI; S. A. B. G. O uso da voz e dos dispositivos móveis em narrativas orais em bibliotecas escolares. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, J. S. (Orgs). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**. Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>>. Acesso em: 12 mar. 2016

JOUBE, V. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002. 161 p.

MARTINS, A. A. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-88MHR9/dissertacao_ana_amelia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, J. L. C. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 93-108, mar./ago. 2015. Disponível em:
<<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000016796/36a7af7c9b9921cda748968cc5fc7158>>. Acesso em 10 mar. 2016